

O INÍCIO DA SEGUNDA DÉCADA DO TERCEIRO MILÊNIO ME LEVOU A REFLETIR SOBRE O NOSSO TEMPO.



ENTRE AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS E O CONHECIMENTO ADQUIRIDO, PREFIRIR SER GUIADA PELO HISTORIADOR ERIC HOBSBAWM.



ANOTEI ALGUMAS DE SUAS INTERPRETAÇÕES, ANÁLISES E PERCEPÇÕES. PEÇO LICENÇA PARA TRANSCREVER ALGUNS TRECHOS. AFINAL, A HISTÓRIA PRECISA SER LEMBRADA E DEVE SER TRANSMITIDA.



REFLEXÕES O início da segunda década do terceiro milênio me levou a refletir sobre o nosso tempo. Tentei compreender o que fizemos até aqui e o que faremos daqui pra frente. Entre as experiências vividas e o conhecimento adquirido, preferi ser guiada pela pesquisa árdua e a observação aguda deste que é um dos maiores historiadores do século XX, o doutor honoris causa Eric Hobsbawm. Anotei algumas de suas interpretações, análises e percepções, um material colhido em livros e entrevistas, que peço licença para transcrever alguns trechos. Afinal, a história precisa ser lembrada e deve ser transmitida. Boa leitura.

SOBRE O SÉCULO XX “O século XX foi a era mais extraordinária da história da humanidade, combinando catástrofes humanas de dimensões inéditas, conquistas materiais substanciais e um aumento sem precedentes da nossa capacidade de transformar e talvez destruir o planeta – e até de penetrar no espaço exterior. Qual é a melhor maneira de refletir sobre essa “era dos extremos” e imaginar as perspectivas da nova era que surge a partir da antiga?” (in: Globalização, Democracia e Terrorismo – Companhia das Letras).

CINCO QUESTÕES “Nesta coleção de estudos, mais que nada sobre temas políticos, escolhi focalizar cinco conjuntos de questões que hoje requerem um pensamento claro e bem informado: a questão genérica da guerra e da paz no século XXI, o passado e o futuro dos impérios globais, a natureza e o contexto cambiante do nacionalismo, o futuro da democracia liberal e a questão da violência política e do terror. Todas elas têm lugar em um cenário mundial dominado por dois desenvolvimentos correlatos: a capacidade da espécie humana de modificar o planeta por meio da tecnologia e da atividade econômica e a globalização.” (in: Globalização, Democracia e Terrorismo – Companhia das Letras).

AVALANCHE GLOBAL “A era de ouro do século XX ocorreu entre 1949/73. A partir de 1991, começa uma avalanche global com o colapso das esperanças de avanços sociais. O século XX termina em 1991, a partir de cinco mudanças principais: o deslocamento do centro econômico em direção ao sul do Atlântico e ao leste da Ásia, com a ascensão da China; a crise mundial do capitalismo; a derrota das tentativas dos EUA de exercer a hegemonia global; a emergência de um novo bloco de países em desenvolvimento, como entidade política – os Brics (Brasil, Rússia, Índia e China); o enfraquecimento e erosão sistemática da autoridade dos Estados, dentro dos seus próprios territórios e em grandes regiões do mundo.” (in: Folha de S. Paulo, Caderno Mais, 18.04.2010 – transcrição da entrevista à New Left Review).

PARALELOS ENTRE A CRISE ATUAL E A GRANDE DEPRESSÃO “A crise de 1929 não começou nos bancos – eles só caíram dois anos depois. A depressão atual levou muito mais tempo sendo preparada que a de 1929, que pegou todos de surpresa. Na crise de agora, a bolsa de valores desencadeou uma queda na produção, com alto índice de desemprego e

um declínio real muito maior na produção. O fundamentalismo neoliberal gerou uma instabilidade enorme nas operações do capitalismo. Até 2008, isso pareceu afetar apenas as áreas periféricas – a América Latina nos anos 1990 e início de 2000; o Sudeste Asiático e a Rússia. O grande indício de algo grave foi o colapso do fundo de investimento sediado nos EUA que, em 1998, provou o erro do modelo inteiro de crescimento. Desde 1990 temos assistido à ascensão da China e das economias emergentes, fato que vem exercendo um efeito concreto sobre a depressão atual, ajudando a manter a economia mundial muito mais equilibrada.” (in: Folha de S. Paulo, Caderno Mais, 18.04.2010 – transcrição da entrevista à New Left Review).

RELIGIÃO “A religião – entendida como a ritualização da vida, crença em espíritos ou entidades que influenciam a vida – está tão amplamente presente ao longo da história que seria um equívoco enxergá-la como fenômeno superficial. O declínio das ideologias do iluminismo deixou um espaço político muito maior para a política religiosa e as versões religiosas de nacionalismo. Mas muitas religiões estão claramente em declínio. A única exceção é o islã, que vem se expandindo sem nenhuma atividade missionária efetiva nos últimos dois séculos. Seu triunfo é conferir às pessoas pobres o sentimento de que valem tanto quanto as outras e que todos os muçulmanos são iguais. A estrutura do islã é mais igualitária, e o elemento militante é mais forte no islã.” (in: Folha de S. Paulo, Caderno Mais, 18.04.2010 – transcrição da entrevista à New Left Review).

GÊNIO HUMANO “O século XX ofereceu aos seus filhos condições materiais e espirituais mais favoráveis do que aqueles em que viveram seus pais e avós. A questão é o que nos reserva o futuro. Do ponto de vista da tecnologia, sem dúvida, o próximo século irá continuar a celebrar o triunfo do gênio humano; em termos econômicos, ele será mais rico; e talvez seja capaz de se adaptar ao novo ambiente e aprender a usar as enormes forças à sua disposição sem destruir a si mesmo. Porém, o que não vejo com clareza é o futuro das relações políticas e culturais entre os seres humanos.” (in: O Novo Século – Entrevista a Antonio Polito – Companhia das Letras).

O FUTURO “Grande parte das estruturas que herdamos do passado foram destruídas pelo dinamismo extraordinário da economia na qual vivemos. Uma situação em que não sabemos mais o que fazer de nossas vidas tanto no plano individual como no coletivo. Isto vale tanto para uma instituição como família, mas também para todas as instituições políticas que constituíram os fundamentos do processo civilizatório. Política, partidos, jornais, organizações, assembleias representativas e Estados: nada mais funciona da maneira como costumava funcionar, e na qual supúnhamos que continuariam funcionando. Seu futuro é obscuro. É por esse motivo que, no final do século, não consigo olhar para o futuro com muito otimismo.” (in: O Novo Século – Entrevista a Antonio Polito – Companhia das Letras).